

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDO E PESQUISA DO  
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVI  
VOLUME 24  
NÚMERO 2  
(JAN-JUN)  
2016  
PP. 357-376.

## O “JOGO DE REFERÊNCIAS” EM MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO BRASIL (1997-2013)

(THE "REFERENCES GAME" IN TEACHING MANUALS OF HISTORY IN BRAZIL (1997-2013))

DR. OSVALDO RODRIGUES JUNIOR

*Professor da Universidade Federal de Mato Grosso*  
osvaldo.rjunior@gmail.com

DRA. TÂNIA BRAGA GARCIA

*Professora da Universidade Federal do Paraná;*  
tanbraga@gmail.com

**RESUMO:** Apresenta resultados de pesquisa que teve como objetivo compreender a natureza dos manuais de Didática da História no Brasil e explicitar elementos por meio dos quais eles dialogam com professores que ensinam História. Entende que estes manuais compõem o código disciplinar da Didática da História enquanto disciplina responsável por orientar o ensino da História e, assim, como fontes que permitem entender os processos de ensinar a ensinar em diferentes contextos históricos. Neste artigo, destacam-se considerações sobre os/as autores/as desses manuais sustentadas na teoria dos campos e na ideia de “jogo de referências”, propostas por Bourdieu (1990; 2004; 2012). Evidenciam-se relações presentes no campo do ensino de História, expressas por meio de citações, e destacam-se concepções postas em circulação por meio das obras analisadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Didática da História - Manuais de Didática da História – Formação de professores de História.

**ABSTRACT:** This paper presents research results that aimed to understand the nature of history didactics manuals produced in Brazil and the explicit elements through which the authors talk with teachers who teach history. We assume that these manuals make up the disciplinary code of Didactics of History as a discipline responsible for guiding the teaching of history, understanding the manuals as sources that allow us to understand the processes of teach to teach in different historical contexts. We analyzed the structure and form of seven manuals for history teachers, trying to identify the dialogue established with the legislation and the scientific literature. In this paper, we present considerations about the authors, based on the concept of "games of references" proposed by Pierre Bourdieu (1990;2004; 2012).We put in relief some relationships in the field of Teaching History and some conceptions that circulate in this field through the analysed manuals.

**KEYWORDS:** Didactic of History - Teaching Manuals History - Training history teachers.

### LIVROS E MANUAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA EM PESQUISA

Nas três últimas décadas, consolidou-se o campo de estudo dos manuais escolares no Brasil. Pouco valorizados academicamente até a década de 1980, os livros escolares não constituíam em objeto científico, de forma semelhante ao que ocorria em outros países, como apontado por Choppin (2004).

O fortalecimento de grupos de pesquisa e de linhas de investigação relacionadas aos manuais, no país, para além dos motivos, indicados por Munakata (2012), pode ser compreendida na relação com a consolidação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que universalizou a presença desse recurso didático nas escolas públicas brasileiras e, dessa forma, ampliou a demanda por pesquisas sobre os livros didáticos.

Conforme Garcia (2011), deve-se destacar que a existência de um Programa Nacional que avalia e distribui livros gratuitamente para todos os alunos da Educação Básica matriculados em escolas públicas no Brasil, constituiu-se em outro elemento propulsor das pesquisas acadêmicas. Também a consolidação dos processos avaliativos estatais, que impactam nas

políticas editoriais e a quantidade de recursos públicos investidos na avaliação, aquisição e distribuição dos livros didáticos contribuíram para o maior investimento dos pesquisadores nessa temática.

No entanto, conforme Schmidt, Garcia e Bufrem (2006), os manuais escolares dos alunos têm sido privilegiados nas pesquisas acadêmicas, enquanto que os manuais destinados aos professores, especialmente os manuais de Didática, ainda representam uma parcela incipiente dos estudos, ainda que em expansão na Iberoamérica<sup>1</sup>.

Desde 2000, estudos sobre os manuais de Didática, Didática Específica ou Didática Especial, destinados aos professores, vêm sendo realizados pelas autoras e colaboradores, em particular com apoio na ideia de que eles são elementos visíveis do código disciplinar das Didáticas, enquanto disciplinas de formação de professores. Assim, esses manuais podem ser entendidos:

[...] enquanto elementos da cultura escolar, produtos e produtores de conhecimentos escolares; como instituidores de modos de fazer ou de construir a escolarização, bem como construtores de identidades pessoais e profissionais. Enquanto referenciadores e

normatizadores de práticas pedagógicas escolares, eles contribuíram e contribuem, também, para urdir e dinamizar a complexa trama do cotidiano escolar (BUFREM; SCHMIDT; GARCIA, 2006, p. 124).

Partindo desses pressupostos, desenvolveu-se pesquisa voltada à análise de manuais de Didática da História produzidos no Brasil para compreender a natureza dessas publicações e explicitar elementos por meio dos quais eles dialogam com a legislação e a literatura científica. Para isso, foram definidos como objetivos: a) localizar e identificar os manuais de Didática da História produzidos no Brasil no período entre 1997 e 2013; b) selecionar e analisar manuais a partir das características identificadas; c) compreender os diálogos estabelecidos com a legislação e a literatura científica.

A construção da pesquisa está sustentada em dois campos temáticos principais. Tratando-se de livros, um primeiro conjunto de autores e ideias permitiram situar teoricamente esse objeto da cultura e da cultura escolar, do ponto de vista de sua produção, circulação e apropriação. Chartier (1998), ao examinar a presença do livro e da leitura na sociedade francesa, na abordagem

da História Cultural, indica que todos os livros instauram ordens – ou pretendem instaurá-las: “a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação” (CHARTIER, 1998, p. 8).

Entende-se que esses conceitos podem contribuir para orientar dimensões de análise dos manuais selecionados, uma vez que, na teoria de Chartier (1998), não se exclui o fato de que entre a ordem desejada e os resultados da leitura se coloca a presença do leitor e de sua liberdade, que a “ordem” não consegue anular. Assim, é possível olhar para os manuais de Didática da História na relação com as condições de sua produção, mas também na relação com as finalidades e objetivos que seus autores e editores estabeleceram, sem absolutizar o produto das relações entre intencionalidades e processos de apropriação pelos sujeitos, mas reconhecendo os elementos de materialidade dos textos (CHARTIER, 2004).

Por outro lado, na perspectiva da produção e circulação desses manuais em um campo específico – o escolar -, a pesquisa está ancorada no reconhecimento da existência de uma Didática da História. Jörn Rüsen (2006) em investigação sobre os processos de

constituição da Didática da História na Alemanha identificou o distanciamento da Didática da História e da História, quando da constituição do seu estatuto científico. Apenas nas décadas de 1960 e 1970 ocorreu uma “guinada teórica”, e a Didática da História foi recuperada enquanto disciplina específica responsável pelo ensino e aprendizagem da História a partir da teoria da consciência histórica. Com isso, na concepção de Rüsen (2006) a Didática da História passou de disciplina de ensino para a disciplina que pensa “as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática” (RÜSEN, 2006, p. 9).

Nessa concepção ampla, Rüsen (2007) conceitua a Didática da História como “ciência do aprendizado histórico” (RÜSEN, 2007, p. 94) indicando que ela não é uma disciplina meramente técnica responsável pelos métodos e técnicas de ensino, mas sim a disciplina responsável por pensar as funções do saber histórico na vida prática.

Klaus Bergmann (1990) também defende que a Didática da História não é apenas metodologia e prática de ensino de História. A preocupação fundamental é a de entender “o significado da História no contexto social” (BERGMANN, 1990, p. 31). Portanto:

a Didática da História é indispensável para a Ciência Histórica exatamente por causa do fato de ela indagar sobre e problematizar este significado e, destarte, se opor ao perigo de a Ciência Histórica se isolar das necessidades legítimas de uma orientação histórica daquela sociedade que, em última análise, a sustenta (BERGMANN, 1990, p. 34).

Para este autor, três são as tarefas da Didática da História: 1) empírica; 2) reflexiva; 3) normativa (BERGMANN, 1990, p. 29). Essas ideias foram exploradas na análise dos manuais didáticos selecionados, considerando-se especialmente o que diz respeito à tarefa normativa, uma vez que tais manuais têm a função explícita de orientar os professores para o planejamento e o desenvolvimento do ensino, portanto, para orientar as práticas nas salas de aula. Os procedimentos de organização e desenvolvimento do trabalho empírico para a análise dos manuais foi apoiada nos trabalhos de BARDIN (2011) e (FRANCO, 2003), mas sem assumi-los na perspectiva de um método.

Neste texto, serão destacados alguns resultados que dizem respeito particularmente à produção dos manuais. Tomou-se como referencial a teoria dos campos de Bourdieu (2004; 2012) compreendendo a

existência de um campo científico do qual fazem parte os(as) autores(as) dos manuais, entendidos(as) enquanto *auctores* e *lectores* (BOURDIEU, 1990) que partilham de um “jogo de referências” na produção desses textos didáticos.

**MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA PUBLICADOS NO BRASIL: BUSCANDO UMA CATEGORIZAÇÃO**

De acordo com Schmidt (2004; 2005; 2008) e Freitas (2006) o primeiro manual de Didática da História *Methodologia da História na aula primária*, de Jonathas Serrano foi publicado em 1917. De lá pra cá, a disciplina de História passou por transformações e, dessa forma, também a sua Didática.

Em artigo sobre o código disciplinar da História no Brasil, Schmidt (2012), propõe a seguinte periodização: construção do código disciplinar (1838-1931), consolidação do código disciplina (1931-1971), crise do código disciplinar (1971-1984) e reconstrução do código disciplinar da História (1984-dias atuais). Nesta pesquisa, optou-se por analisar manuais produzidos durante o período de reconstrução do código disciplinar, mais especificamente aqueles publicados após os

Parâmetros Curriculares Nacionais de História (1997; 1998; 1999), entendendo que “os PCN são resultado direto [de um] clima de renovação pedagógica e de expectativas quanto a uma educação mais cidadã, favorecidas pela abertura política e pela redemocratização” (AVELAR, 2011. p. 42).

Assim, tendo como recorte temporal os anos de 1997 a 2013, foram encontradas e analisadas, na primeira etapa do trabalho empírico, as seguintes obras de Didática da História publicadas no Brasil:

MANUAL	AUTOR	EDITOR A	ANO
<i>Didática e Prática de Ensino de História</i>	Selva Guimarães Fonseca	Papirus	2003
<i>Ensino de História: fundamentos e métodos</i>	Circe Maria Fernandes Bittencourt	Cortez	2004
<i>Ensinar História</i>	Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli	Scipione	2004

O “JOGO DE REFERÊNCIAS” EM MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO BRASIL (1997-2013),

DE OSVALDO RODRIGUES JUNIOR E TÂNIA BRAGA GARCIA

<i>O ensino de História e seu currículo</i>	Geraldo Balduino Horn e Geysongley Germinari	Vozes	2006
<i>Ensinar História no século XXI</i>	Selva Guimarães Fonseca e Marcos Silva	Papirus	2007
<i>A atividade de ensino de História: processo de formação de professores e alunos</i>	Olavo Pereira Soares	Junqueira & Marinho	2008
<i>Aprendendo História: reflexão e ensino</i>	Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco	FGV	2009
<i>Fazer e ensinar História</i>	Selva Guimarães Fonseca	Dimensão	2009
<i>Ensinar e aprender História: história em</i>	Adriane de Quadros Sobanski, Edilson	Base editorial	2010

<i>quadrinhos e canções</i>	Aparecido Chaves, João Luis da Silva Bertolini e Marcelo Fronza		
<i>Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino da História (anos iniciais)</i>	Itamar Freitas	Editora da Universidade Federal de Sergipe	2010
<i>Ensino de História e experiências</i>	Ana Nemi, João Carlos Martins e Diego Luiz Escanhuela	FTD	2010
<i>Ensino de História</i>	Katia Maria Abud, André Chaves de Melo Silva e Ronaldo Cardoso Alves	Cencag e Learning	2011
<i>Os desafios do ensino de História:</i>	Alexandre de Sá Avelar	IBPEX	2011



O “JOGO DE REFERÊNCIAS” EM MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO BRASIL (1997-2013),

DE OSVALDO RODRIGUES JUNIOR E TÂNIA BRAGA GARCIA

<i>problemas, teorias e métodos</i>			
<i>A docência em História: reflexões e propostas de ações</i>	Carmem Zeli de Vargas Gil e Dóris Bittencourt Almeida	Edelbra	2012
<i>Metodologia do ensino de História</i>	José Antônio Vasconcellos	Intersaberes	2012
<i>Vivenciando a História - Metodologia do Ensino da História</i>	Marta de Souza Lima Brodbeck	Base Editorial	2012
<i>História</i>	Regina Soares de Oliveira, Vanusia Lopes de Almeida e Vitória Azevedo Fonseca	Blucher	2012
<i>Ensino de História: diálogos com a</i>	Júlio Pimentel Pinto e	Moderna	2012

<i>literatura e a fotografia</i>	Maria Inez Turazzi		
<i>Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas</i>	Cristina Reis Figueira e LÍlian Lisboa Miranda	Edições SM	2012
<i>Capítulos de História: o trabalho com fontes</i>	Marcella Lopes Guimarães	Aymarã Educaçã o	2012

**Quadro 1 – Manuais de didática da História publicados no Brasil entre 1997 e 2013**

Fonte: pesquisa do autor (2014).

Como primeiro resultado observou-se o crescimento do número de obras publicadas a partir de 2009, com reedição de obras anteriores ao período, além da diversificação das editoras responsáveis pelos manuais. Uma hipótese possível para essa expansão pode ser a criação do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE do professor mantido pelo Governo Federal, que se dirige a aquisição de obras de Didática



ou Metodologia do Ensino. Entre os títulos inventariados, oito (8) manuais fazem parte do PNBE do professor, representando 40% da produção no período.

O inventário foi seguido de uma análise que na primeira etapa da pesquisa permitiu evidenciar a existência de diferentes tipos de manuais. Embora todos sejam destinados ao professor, pode-se constatar diferentes modelos de estrutura nas obras, o que exigiu uma categorização dos manuais encontrados e conduziu à definição de apenas um dos conjuntos como material empírico para o segundo nível de análise.

Chegou-se a quatro (4) tipos de manuais destinados ao professor de História. Os manuais que dialogam com o professor de forma indireta por meio de reflexões sobre o ensino, que se caracterizam por problematizar o ensino da História e por construir considerações de ordem teórica sobre o ensino, porém sem propor explicitamente alternativas sobre como ensinar. Não há espaços específicos nessas obras para propostas ou sugestões de atividades.

Manuais que dialogam com o professor de forma indireta por meio de relatos de experiência de ensino que problematizam o ensino da História, porém sem se dirigir diretamente ao professor sobre como ensinar. Apesar da não existência de espaços específicos para

propostas ou sugestões de atividades, os autores dialogam indiretamente com o professor através dos relatos de experiências.

Manuais que dialogam com o professor de forma direta sobre a organização do ensino com ênfase em linguagens específicas definidos por apresentar possibilidades para o ensino da História a partir de linguagens específicas como: histórias em quadrinhos, canções, literatura, fotografia, patrimônio e documentos escritos. Nestes manuais, os autores dialogam diretamente sobre a organização do ensino e apresentam propostas de atividades em espaços específicos. Estão voltados à discussão do uso de linguagens específicas no ensino de História, mas sem problematizar o ensino da disciplina de maneira geral e sem referir-se a um conjunto estruturado e articulado de elementos didáticos

Manuais que dialogam com o professor de forma direta e explícita sobre a organização do ensino por meio de uma estrutura didática, diferenciados da última categoria, pois se voltam à discussão da disciplina de maneira geral, estruturando de forma relativamente orgânica uma proposta didática em torno de elementos como história do ensino de História, currículo de História, ensino e aprendizagem da História, avaliação

em História e propostas ou sugestões de atividades em História.

Tomando o conceito de manual de Didática Específica de Bufrem, Schmidt e Garcia (2006), considera-se que são fundamentais a proposição de métodos e atividades de ensino, o que por si só excluiria os manuais das duas primeiras categorias da amostragem final. Os manuais que discutem linguagens específicas, embora destinados aos professores e compostos por propostas de atividades, não discutem a metodologia do ensino de maneira ampla, ou seja, não sugerem discussões sobre a natureza do ensinar e aprender História, mas apenas apresentam formas de instrumentalização dos professores de História para o uso de determinadas fontes em sala de aula. Enfim, os manuais que melhor se enquadram no conceito das autoras de referência são aqueles que, ao mesmo tempo em que discutem a metodologia do ensino da História de maneira ampla, apresentam uma estrutura didática definida e propõem atividades de ensino de forma articulada como forma de organização do ato de ensinar.

Assim, para a última fase de análise, optou-se pela inclusão dos sete (7) manuais conforme quadro abaixo:

MANUAL	AUTOR	EDITORA	ANO
<i>Ensino de História: fundamentos e métodos</i>	Circe Maria Fernandes Bittencourt	Cortez	2004
<i>Ensinar História</i>	Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli	Scipione	2004
<i>Ensino de História e experiências</i>	Ana Nemi, João Carlos Martins e Diego Luiz Escanhuela	FTD	2010
<i>Os desafios do ensino de História: problemas, teorias e métodos</i>	Alexandre de Sá Avelar	IBPEX	2011
<i>A docência em História: reflexões e propostas de ações</i>	Carmem Zeli de Vargas Gil e Dóris Bittencourt Almeida	Edelbra	2012

O “JOGO DE REFERÊNCIAS” EM MANUAIS DE DIDÁTICA DA HISTÓRIA NO BRASIL (1997-2013),

DE OSVALDO RODRIGUES JUNIOR E TÂNIA BRAGA GARCIA

<i>Metodologia do ensino de História</i>	José Antônio Vasconcellos	Intersaberes	2012
<i>Vivenciando a História - Metodologia do Ensino da História</i>	Marta de Souza Lima Brodbeck	Base Editorial	2012

**Quadro 2: Manuais selecionados para análise**

Fonte: pesquisa do autor (2015)

Do conjunto de análises produzidas, destacam-se neste texto as que dizem respeito a relações entre os (as) autores(as), como se apresentará a seguir.

**O “JOGO DE REFERÊNCIAS” NOS MANUAIS**

Para compreender possíveis relações estabelecidas entre os agentes do campo científico que produziram manuais para orientar professores de História, foi realizada inicialmente uma pesquisa sobre as vinculações institucionais das(os) autoras(es), com o objetivo de identificar elementos de sua formação e atuação profissional. A maioria deles (as) exerce atividades profissionais no espaço da Universidade, conforme se evidencia no quadro abaixo:

<b>AUTOR(A)</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>
Circe Maria Fernandes Bittencourt	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP
Maria Auxiliadora Schmidt	Universidade Federal do Paraná – UFPR
Marlene Cainelli	Universidade Estadual de Londrina – UEL
Ana Nemi	Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP
João Carlos Martins	Faculdades Claretiano – São Paulo/SP
Diego Escanhuela	Colégio COC – Osasco/SP
Alexandre de Sá Avelar	Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Carmem Zeli de Vargas Gil	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Dóris Bittencourt Almeida	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
José Antônio Vasconcelos	Universidade de São Paulo – USP

Marta de Souza Lima Brodbeck	Sem informação
------------------------------	----------------

**Quadro 3: vínculo profissional das(os) autoras(es) dos manuais analisados**

Fonte: pesquisa do autor (2015)

Com exceção de Diego Luiz Escanhuela, professor de um colégio particular, mas que à época de produção do manual era assistente de pesquisa da professora Dra. Ana Lúcia Nemi e graduando em História pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP e Marta de Souza Lima Brodbeck, que não disponibilizou a informação sobre vínculo profissional em seu currículo Lattes, todas(os) as(os) demais autoras(es) possuem vínculos com Universidades, em sua maioria públicas.

Partindo da compreensão de sociedade enquanto cosmos social e dos campos enquanto “microcosmos relativamente autônomos” (BOURDIEU, 2004, p. 18), toma-se o conceito de campo de Bourdieu (2012; 2004) para afirmar que as vinculações profissionais evidenciam a presença das(os) autoras(es) como agentes no campo científico.

Segundo Bourdieu (2004) o campo científico pode ser entendido enquanto “[...] um mundo social e,

como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve” (BOURDIEU, 2004, p. 21). Esse campo pode ser caracterizado como “campo de lutas” ou “campo de forças”. O poder dos agentes está ligado diretamente à posição ocupada neste campo.

Partindo deste pressuposto, entende-se que a grande maioria das(os) autoras(es) dos manuais fala a partir do campo científico, portanto, a partir de posições privilegiadas como produtores de conhecimento, ocupadas em sua maioria nas Universidades públicas brasileiras. Por outro lado, é importante ressaltar que as(os) onze (11) autoras(es) possuem experiência na Educação Básica. Tal informação, quando não encontrada nos currículos Lattes, pode ser observada nas apresentações dos manuais.

Dessa forma, infere-se que a experiência docente na Educação Básica unida ao espaço ocupado nas Universidades dá as(os) autoras(es) o conhecimento que legitima, na forma de capital científico, a produção e publicação dos manuais analisados. Tratando-se de manuais que têm a intenção - expressamente manifesta pelos autores – de orientar os professores formadores, os professores da Educação Básica e os professores em

formação, o fato de ser ou ter atuado na Educação Básica amplia a legitimidade para que o diálogo seja estabelecido.

Entende-se, a partir de Bourdieu (2004), que “cada campo é o lugar de constituição de uma forma específica de capital” (BOURDIEU, 2004, p. 26). No caso específico do científico:

[...] o capital científico é uma espécie particular do capital simbólico (o qual, sabe-se, é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico [...] (BOURDIEU, 2004, p. 26).

É importante indicar que o reconhecimento das(os) autoras(es) no campo científico – neste caso, no Ensino de História - pode ser facilmente verificado a partir de uma busca no Google Acadêmico, ferramenta que permite identificar a quantidade de artigos que citam autores e obras específicas. Como exemplos, o manual *Ensino de História: fundamentos e métodos*, de Circe Bittencourt, foi citado em setecentos e sete (707) artigos, enquanto o manual *Ensinar História*, de Schmidt e Cainelli (2004), foi referenciado em duzentos e

sessenta e dois (262) artigos. Tomando o conjunto dos sete (7) manuais analisados, o número ultrapassa mil (1.000) citações em artigos científicos.

Para além do conhecimento e reconhecimento, existe uma “lógica própria do mundo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 17). Tal lógica se aproxima da discussão promovida por Bourdieu (1990) no texto *Leitura, leitores, letrados, literatura* ao tratar das questões que dizem respeito à cultura letrada e à relação entre o lector e o auctor.

No mundo contemporâneo, existe a necessidade de compreendermos “as condições sociais de produção dos lectores” (BOURDIEU, 1990, p. 135). Ou seja, compreender os capitais adquiridos pelo sujeito que serão determinantes no processo de leitura. Além disso, é fundamental romper a dicotomia entre autor e leitor.

Segundo Bourdieu (1990), “nossa leitura é a leitura de um letrado, de um leitor, que lê um leitor, um letrado. E, portanto, há uma grande probabilidade que tomemos como evidente tudo o que esse letrado tomava como evidente, a menos que se faça uma crítica epistemológica e sociológica da leitura” (BOURDIEU, 1990, p. 142). Ou seja, em outras palavras, isso permite dizer que o autor é um leitor, na medida que a sua autoria está diretamente relacionada às suas leituras.

Desta forma, constitui-se uma relação dialética entre autor e leitor, fundamental para a compreensão do processo de autoria. Essa relação estabelece a cultura letrada enquanto um “jogo de referências” que permite identificar diferenças, reverências, distanciamentos e atenções.

Com o intuito de evidenciar elementos que compõem o “jogo de referências” presente nos manuais didáticos, buscou-se identificar as referências diretas e indiretas presentes e incorporadas no corpo dos textos. Algumas inferências podem ser realizadas a partir da análise dos dados empíricos coletados. A primeira diz respeito ao campo científico e ao capital científico advindo do conhecimento e reconhecimento conforme Bourdieu (2004). Neste caso, as referências às autoras dos manuais, mais especificamente a Circe Bittencourt (14) e Maria Auxiliadora Schmidt (4), representam um dado interessante para compreendermos o reconhecimento das autoras no próprio campo.

Outro elemento de destaque diz respeito à historiografia referenciada. Destaca-se nos manuais a presença da historiografia francesa dos *Annales* e da *Nova História*. Entre os nomes encontram-se: Marc Bloch, Lucien Febvre, Fernand Braudel, Emanuel Le Roy

Ladurie Jacques Le Goff, Peter Burke e Roger Chartier. Juntos, esses autores foram referenciados trinta e cinco vezes (35). Além deles, outros historiadores franceses como Paul Ricouer, Henry-Ireneee Marrou e François Dosse também foram citados. Desta forma, pode-se dizer que os manuais didáticos, para ensinar a ensinar História, tomam a França enquanto “sociedade de referência” (SILVA, 2005)<sup>ii</sup>, entendida como modelo no que diz respeito à historiografia.

Ainda sobre as referências bibliográficas encontradas nos manuais, observou-se um número considerável de citações de autores da psicologia cognitiva ou psicologia da aprendizagem, mais especificamente Jean Piaget e Lev Vygotsky. Os dois (2) autores foram citados vinte e três vezes (23) nos manuais analisados.

Em relação a legislação sobre a formação de professores referenciada, destaca-se as quarenta e três (43) referências ao PCN de História. Tais referências identificadas, em sua maioria com a intenção de apresentar ou mesmo de tomar o texto oficial como ponto de partida para a prática, sugere que as(os) autoras(es) se apropriaram dos PCN de História. Dessa forma, as(os) autoras(es) acabam por reforçar a importância de conhecer esse texto oficial e mesmo de



tomá-lo como referência para a prática de ensino de História.

Assim como os manuais para as normalistas analisados por Silva (2005), os manuais de Didática da História “articularam referências” (SILVA, 2005). Dessa forma, as(os) autoras(es), ao se apropriarem de diferentes referências, constituíram-se como lector. Ao produzirem os manuais que ajudaram a “consagrar” e fazer circular essas referências, as(os) autoras(es) se constituíram como auctor. Portanto, os manuais de Didática da História analisados foram forjados a partir de um “jogo de referências” que permitiu a relação entre lector e auctor no processo de produção.

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A análise do jogo de referências permitiu identificar dois movimentos distintos. O primeiro pode ser compreendido como de concentração em relação à historiografia com o predomínio dos franceses. Destacam-se como exceções as referências à historiografia inglesa, em particular com Thompson, à historiografia alemã a partir de Rüsen e à historiografia italiana a partir de Ginzburg.

Também se observou o movimento de concentração nas referências em relação aos PCN de História como textos legislativos fundamentais à prática pedagógica. E, ainda, a concentração nas referências à Psicologia da Educação, principalmente a partir de Vygotsky e Piaget. Neste particular, confirma-se aquilo que se anunciou na dissertação de Mestrado<sup>iii</sup> em relação à predominância da Psicologia da Educação nas discussões que envolvem a aprendizagem da História, característica inalterada nos manuais publicados após 2004.

A dispersão se localiza nas referências específicas sobre o campo do ensino de História como, por exemplo, Selva Guimarães Fonseca, Paulo Knauss, Ricardo Oriá, Marcos Silva e autores do campo da educação e da pedagogia como Dewey e Paulo Freire. Tal movimento, de maneira concomitante, configura as várias contribuições dos campos e permite identificar a pluralidade teórico-metodológica dos manuais de Didática da História analisados.

Portanto, os resultados indicam a existência de dois movimentos: concentração e dispersão. Concentração em relação à historiografia, à legislação e à perspectiva de aprendizagem advinda da psicologia



construtivista; dispersão em relação à literatura educacional e específica sobre ensino da História.

Assim, pode-se dizer que esse conjunto de manuais materializa as tensões existentes entre três elementos: a) a perspectiva de recuperação do lugar da História no currículo como uma disciplina escolar; b) a permanência da influência da Psicologia da Educação na compreensão dos processos de ensino e aprendizagem; c) os objetivos propostos para a formação de professores nas últimas décadas pela legislação educacional, autorizada por vertentes conceituais fortalecidas na pesquisa acadêmica, sustentados na supervalorização da prática e na racionalidade prática.

Tais características estão relacionadas ao fato de que os manuais são pertencentes “a ordem no interior da qual” eles devem ser compreendidos (CHARTIER, 1998, p. 8). Também se pode entender que os manuais pretendem, por diferentes motivos e com distintas direções, “instaurar uma ordem”, uma vez que todos se propõem estabelecer um diálogo com os professores de História formadores, formados ou em formação, por meio do “jogo de referências”, evidenciando a lógica do campo científico.

## REFERÊNCIAS

ABUD, K. M; MELO E SILVA, A. C. de; ALVES, R. C. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

AVELAR, A. de S. **Os desafios do ensino de História: problemas, teorias e métodos**. Curitiba: IBPEX, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGMANN, K. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9 nº19. p. 29-42. Set.89/fev.90.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensinar História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Livro didático e saber escolar**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

BOURDIEU, P. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 135-146.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012. p. 59-73.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – História**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1998.

BRODBECK, M. de S. L. **Vivenciando a História - Metodologia do Ensino da História**. Curitiba: Base Editorial, 2012.

BUFREM, L. S; GARCIA, T. B; SCHMIDT, M. A. Os manuais destinados a professores como fontes para a História das formas de ensinar. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.22, p. 120 –130, jun. 2006. In: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/arto9\\_22.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/arto9_22.pdf). Acesso em 20 abr. 2008.

CAINELLI, M. R; SCHMIDT, M. A. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora da UNB, 1998.

FERREIRA, M. de M; FRANCO, R. **Aprendendo História: reflexão e ensino**. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FIGUEIRA, C. R; MIRANDA, L. L. **Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do Ensino Fundamental: conceitos e práticas**. São Paulo: Edições SM, 2012.

FONSECA, S. G. **Didática e prática de Ensino de História**. Campinas: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FONSECA, S. G; SILVA, M. **Ensinar História no século XXI**. Campinas: Papirus, 2007.

GIL, C. Z de V; ALMEIDA, D. B. **A docência em História: reflexões e propostas de ações**. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

GARCIA, T. M. F. B. Textbook production from a local, national and international point of view. In: RODRIGUEZ et al. (org). **Local, national and transnational identities in textbooks and educational media**. Santiago de Compostela (ES): IARTEM, 2011, v.1, p. 30-46.

GUIMARÃES, M. L. **Capítulos de História: o trabalho com fontes**. São Paulo: Aymarã Educação, 2012.

HORN, G. B; GERMINARI, G. D. **O ensino de História e seu currículo:** teoria e método. Petrópolis: Vozes, 2013.

MUNAKATA, K. Livro didático: alguns temas de pesquisa. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.

NEMI, A. L. L; ESCANHUELA, D. L; MARTINS, J. C. **Ensino de História e experiências:** o tempo vivido. São Paulo: FTD, 2010.

OLIVEIRA, R. S. de; ALMEIDA, V. L. de A; FONSECA, V. A. **História.** São Paulo: Blucher, 2012.

PINTO, J. P; TURAZZI, M. I. **Ensino de História:** diálogos com a literatura e a fotografia. São Paulo: Moderna, 2012.

RODRIGUES JUNIOR, O. **Os manuais de Didática da História e a constituição de ua epistemologia da Didática da História no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os manuais de Didática da História no Brasil (1997-2014):** entre tensões e intenções. Tese (Doutorado

em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, 2015.

RÜSEN, J. **Didática da História:** passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. *Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

\_\_\_\_\_. **História viva.** Brasília: UNB, 2007.

SCHMIDT, M. A. O aprender da História no Brasil: trajetórias e perspectivas. In: OLIVEIRA, M. M. D. de; CAINELLI, M. R; OLIVEIRA, A. F. B. de. **Ensino de História:** múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços. Natal: EDFURN, 2008. p. 10-19.

\_\_\_\_\_. **História do ensino de História no Brasil:** uma proposta de periodização. In: *Revista História da Educação – RHE*, Porto Alegre, v. 16, nº 37, Maio/ago. 2012 p. 73-91.

SILVA, Vivian Batista da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos:** construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). Tese (Doutorado em Educação). Faculdades de Educação da Universidade de São Paulo, 2005.

SOARES, O. P. **A atividade de ensino de História:** processo de formação de professores e alunos. São Paulo: Junqueira & Marin, 2008.

SOBANSKI, A. de Q; BERTOLINI, J. L. da S; FRONZA, M; CHAVES, E. A. **Ensinar e aprender História:** histórias em quadrinhos e canções. Curitiba: Base Editorial, 2010.

URBAN, A. C. **Didática da História:** percursos de um Código Disciplinar no Brasil e na Espanha. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, 2009.

VASCONCELLOS, J. A. **Metodologia do ensino de história.** Curitiba: Intersaberes, 2012.

Recebido em: 31/07/2016

Aprovado em: 02/08/2016

Publicado em: 06/08/2016

## NOTAS

---

<sup>i</sup> As autoras citam estudos que corroboram essa afirmação, como o de Guereña, Ossenbach e Pozo (2005).

<sup>ii</sup> Silva (2005) parte das contribuições sobre a circulação mundial da cultura de Ortiz (2000)

<sup>iii</sup> RODRIGUES JUNIOR, O. **Os manuais de Didática da História e a constituição de uma epistemologia da Didática da História no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, 2010.